

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

ESTUDO FONOLÓGICO DA NASALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS EM POSIÇÃO
DE CODA SILÁBICA EM MAWÉ

Bolsista: Larissa Giovanna da Silva Leite, CNPq

MANAUS

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL PIB-H/0041/2013 - ESTUDO FONOLÓGICO DA
NASALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS EM POSIÇÃO DE CODA SILÁBICA EM
MAWÉ

Bolsista: Larissa Giovanna da Silva Leite, CNPq
Orientadora: Profa. Dra. Raynice Geraldine Pereira da Silva

MANAUS
2014

PIB-H/0041/2013 - ESTUDO FONOLÓGICO DA NASALIZAÇÃO DAS
OCLUSIVAS EM POSIÇÃO DE CODA SILÁBICA EM MAWÉ

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, ao Grupo de Estudos do Português Falado no Amazonas e de Línguas Ameríndias. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq, através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, foi desenvolvida pelo Grupo de Estudos do Português Falado no Amazonas e de Línguas Ameríndias.

Desde que se tenham algumas descrições de línguas, aparecerão espíritos curiosos o bastante para dedicar-se a comparar essas descrições e daí tirar conclusões.

Aryon Dall'Igna Rodrigues

RESUMO

A língua Sateré-Mawé é considerada uma língua isolada pertencente à família Mawé do tronco Tupi. É falada por indígenas localizados no médio Amazonas, na Terra Indígena Andirá-Marau, que abarca os municípios de Aveiro e Itaituba, do estado do Pará, e as cidades de Barreirinha, Maués e Parintins, no Amazonas. Este projeto de iniciação científica baseia-se em um modelo de análise, descrição e documentação de línguas naturais, propondo-se a analisar a ocorrência do fenômeno linguístico suprasegmental da nasalização das oclusivas em posição de coda silábica da língua indígena Sateré-Mawé, oferecendo assim, subsídios para a definição da ortografia desses segmentos na língua. Teve-se como intenção demonstrar a existência desse fenômeno, que ocorre diante da fricativa glotal [h], com as oclusivas [p], [t], [k] e seus alofones sonoros [b], [d], [g], por meio de análise acústica da língua. Para tal análise, utiliza-se dos estudos de Graham (1978), Pigott (1992 e 1996) para as abordagens acerca do processo de nasalização e Silva (2005 e 2010), estudos esses sobre a fonologia e morfossintaxe da língua Sateré-Mawé. Complementa-se a base teórica desta pesquisa com as abordagens existentes acerca dos processos morfofonológicos em outras línguas como o Guarani-Kaiwoá em Cardoso (2008) e Nhandewa-Guarani em Costa (2003). Esta pesquisa assim, contribui para o conhecimento das línguas indígenas da Amazônia e do tronco linguístico Tupi e, em especial, para uma melhor compreensão acerca da ocorrência do fenômeno da nasalização na língua Sateré-Mawé.

ABSTRACT

The language Staré-Mawé is considered an isolated language which belongs to Mawé's family of Tupi's trunk. It's spoken by the indigenous people localized in Median Amazonas, in the Andirá-Marau's indigenous land, that contains Aveiro and Itaituba, counties in the state of Pará, and Barreirinha, Maués and Parintins, counties in the state of Amazonas. This scientific initiation project is based on a model of natural languages analysis, description and documentation, which suggests the occurrence analysis of the linguistic phenomenon of the plosive's nasalization in position of Sateré-Mawé indigenous language's syllable coda, offering in this way, subsidies for the orthography definition in these language's segments. It has the intention to prove the existence of this phenomenon, that happens right in front of the glottal fricative [h] with the plosives [p], [t], [k], and their sound allophones [b], [d], [g], by the acoustic analysis language. For that analysis, it's used the Graham (1978) and Piagott's studies (1992 and 1996) for the approaches around the nasalization process, and Silva's studies (2005 and 2010) about Sateré-Mawé phonology and morph syntax. It was used to complement the research's theoretic base about the morph phonology processes in other languages like the Guarani-Kaiwá in Cardoso (2008) and Nhandewa-Guarani in Costa (2003). So this research contributed for the indigenous languages from Amazon and the Tupi linguistic trunk's knowledge, in special, contributed to a better understanding around the nasalization occurrence of the phenomenon in Sataré-Mawé language.

LISTA DE SIGLAS

SIL – Summer Institute of Linguistic

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IPA - International Phonetic Alphabet

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quadro de fonemas consonantais do Sateré-Mawé (Silva, 2005)

Figura 2: nasalização da oclusiva em “o nome dele”

Figura 3: nasalização da oclusiva em “o olho dele”

LISTA DE SÍMBOLOS

[] realização fonológica

// realização fonética

acento

SUMÁRIO

RESUMO	
ABSTRACT	
LISTA DE SIGLAS	
LISTA DE FIGURAS	
LISTA DE SÍMBOLOS	
1. INTRODUÇÃO	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
3. DESENVOLVIMENTO	17
3.1 As línguas indígenas e seus estudos	17
3.2 A língua Sateré-Mawé e sua classificação	18
3.3 O povo Sateré-Mawé e sua língua	18
3.4 Os estudos da língua e a presente pesquisa	19
3.5 Os modelos de estudos fonológicos e as teorias de nasalização.....	21
3.5.1 A Abordagem não-linear de Piggott (1992).....	22
3.6 O caso das oclusivas nasalizadas do Sateré-Mawé por Silva (2005).	23
3.7 A nasalização das oclusivas do Mawé em posição de coda silábica..	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
5. REFERENCIAS.....	30
AGRADECIMENTOS	32

1. INTRODUÇÃO

A língua Sateré-Mawé é falada no médio Amazonas por aproximadamente 8.000 indígenas que habitam a Terra Indígena Andirá-Marau na divisa dos estados do Amazonas e do Pará (Franceschini, 1999). No Amazonas, a Terra Indígena Andirá-Marau apresenta-se dividida em duas regiões: a primeira corresponde ao rio Marau e está ligada ao município de Maués, a outra região corresponde ao rio Andirá e está ligada ao município de Barreirinha.

O Sateré-Mawé foi classificada inicialmente como membro da família linguística Tupi-Guarani, do Tronco Tupi (Rodrigues 1958 a, b). No entanto, essa classificação modificou-se, de modo que sua classificação atual é como sendo membro único da família Mawé do tronco linguístico Tupi, sendo portanto, uma língua isolada.

Os trabalhos de análise linguística feitos sobre a língua Mawé não são muitos, apenas algumas listas de palavras e sentenças simples, artigos de análise linguística preliminar, feitos por missionários do Summer Institute of Linguistic (Graham, A & S., 1978 e 1984); os estudos de Franceschini (1999) com enfoque na morfologia nominal, verbal e constituição de bases complexas em nível de sintagma; a proposta de uma gramática pedagógica e um dicionário bilíngue feita por Graham (1995) e Brandon e Graham (1983), respectivamente.

O trabalho mais completo da língua foi feito por Silva (2005) que realizou um estudo da língua Sateré-Mawé que contemplou aspectos fonéticos e fonológicos da língua, e em sua tese (2010) realizou um estudo morfossintático da mesma. Apesar disso, por se tratar de um estudo com língua, não podemos dá-lo por acabado, até mesmo porque alguns fenômenos não foram contemplados nos trabalhos acima citados. Um exemplo disso é a ocorrência da nasalização das oclusivas em coda silábica, fenômeno que é objeto dessa pesquisa.

Por não serem muitos os trabalhos sobre a língua Sateré-Mawé e por apenas dois deles, feitos por Silva (2005, 2010) abrangem os aspectos da língua em sua completude – fonologia, morfologia e sintaxe – acreditamos que essa pesquisa seja de grande relevância, no sentido de somar informações aos estudos já existentes.

Sendo assim, o presente trabalho , através da descrição e análise da ocorrência do processo de nasalização na língua Sateré-Mawé teve por objetivo, primeiramente, proporcionar mais um estudo para um melhor conhecimento das línguas indígenas da Amazônia, em especial no que se refere aos aspectos fonológicos do Sateré-Mawé; subsidiar discussões acerca dos sistemas ortográficos propostos para essa língua; somar junto aos estudos sobre nasalização em línguas indígenas, principalmente no que se diz respeito à ocorrência desse fenômeno em línguas do tronco Tupi, contribuindo assim para os estudos histórico-comparativos sobre as línguas indígenas brasileiras.

Conforme fora dito, o estudo de Silva (2005) acerca da fonologia da língua não engloba alguns fenômenos fonológicos específicos. Um desses fenômenos é o da nasalização das oclusivas em posição de coda silábica, a autora aborda brevemente esse assunto o tratando como resultado de um processo morfofonêmico, aponta que essa ocorrência pode ter motivação fonética, mas defende que o uso de uma abordagem não-linear de análise suprasegmental talvez fosse o mais adequado para esse estudo.

Esta pesquisa então, afim de responder a indagação de como ocorre a nasalização dessas oclusivas na posição de coda, utiliza-se da abordagem não-linear proposta, mas não desenvolvida por Silva (2005), o estudo teve com pressuposto teórico a abordagem fonêmica com base nos trabalhos de Kindell (1981) e Pike (1943) e (1947). Anteriormente o que se tinha sobre a fonologia da língua eram artigos fragmentados feitos pelos missionários do SIL e alguns aspectos gramaticais da língua.

Foi utilizada assim, uma abordagem não-linear a partir de Piggott (1992) e do estudo em línguas da família Tupi, como em Kaiowá (Cardoso 2008). A partir da análise desses segmentos nas línguas citadas, estabelece-se um ponto de partida para o estudo das oclusivas nasalizadas em coda na língua Mawé, bem como a comparação entre essas línguas Tupi.

Os dados da língua Sateré-Mawé analisados consistem no registro de expressões orais e do léxico da língua, parte coletados durante uma ida a campo em decorrência do curso de Licenciatura Indígenas dos Professores Sateré-Mawé no período de maio de 2013, através de monitoria da disciplina “Língua Sateré-Mawé”, e parte reaproveitados dos dados já coletados por Silva (2005, 2010). A partir desses dados, os segmentos oclusivos e nasais foram

transcritos foneticamente de acordo com os símbolos e diacríticos do IPA-2003 e analisados acusticamente com a utilização do software Praat, versão 5.3.56.

A análise e documentação de aspectos fonológicos e gramaticais em línguas indígenas pressupõem um estudo onde se crie uma interface desses aspectos com o uso que se faz, ou seja, a grafia da língua. Neste sentido, a pesquisa sobre a nasalização dos segmentos oclusivos [p], [t] e [k] e seus alofones sonoros [b], [d] e [g] em posição de coda silábica, servirá como subsídio na elaboração de material didático e nas reflexões sobre os sistemas ortográficos adotados atualmente no Mawé.

A comprovação da análise será feita, em sua maioria, por meio de imagens do software Praat – versão 5.3.56, tendo em vista que foi realizada apenas uma ida a campo durante a pesquisa, não sendo esta suficiente para a coleta de grande quantidade de dados. Sendo assim, tentar-se-á, por meio dessas imagens de análise acústica, explicitar melhor os seguimentos analisados na presente pesquisa.

Os trabalhos sobre as línguas indígenas brasileiras têm representado um importante foco de investigação científica no cenário linguístico mundial, não só em linguagem, mas também sobre a diversidade cultural desses povos. O estudo sobre a nasalização dos segmentos oclusivos em posição de coda silábica pretende uma contribuição sobre o tema e um melhor conhecimento sobre a diversidade linguística da Amazônia.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao longo dos estudos linguísticos, os fenômenos de nasalização receberam diferentes tratamentos, de acordo com as diferentes teorias elaboradas que foram elaboradas nesse período. Algumas teorias fonológicas sobre a nasalização surgiram, inicialmente com o Círculo Linguístico de Praga que tratou a nasalização como uma das correlações possíveis que formam os pares opostos que produzem as palavras distintas.

Outra abordagem desse fenômeno foi dada pelo estruturalismo americano que tratou a nasalidade como um fonema suprasegmental, que estaria acima do segmento, que ficaria aguardando um segmento para que pudesse se realizar, como se fosse um acento em uma língua que o possui previsivelmente.

Os fenômenos mais complexos de nasalização, como é o caso das oclusivas em posição de coda silábica, receberam maior atenção da Teoria Fonológica. A Fonologia Gerativa Padrão de Chomsky e Halle (1968:317) adotou o traço *delayed release*, mas este traço soluciona apenas o caso das fricativas, pois a liberação do ar na oclusão é realizada, mas não de maneira completa, pois o ar ainda passa por um canal estreito, o que gera uma fricção, logo, não soluciona o fenômeno em questão.

É a partir dos trabalhos de Goldsmith, na década de setenta, que a nasalidade (do Guarani) passou a ser teoricamente tratada em um modelo firmado na Fonologia como sendo Autossegmental. Anderson (1975) e Goldsmith (1976, 1979) postulam que o domínio de ação dos traços distintivos ultrapassava o segmento, estendendo-se a outros domínios.

A Fonologia Autossegmental desenvolvida por Goldsmith (1976) inicia os modelos não-lineares e propõe a perda de relevância dos limites segmentais e apontam para processos de espalhamento nasal e segmentos nasalizados parcialmente, o que gera os processos de harmonização vocálica e harmonização nasal.

Foram utilizados estudos sobre a ocorrência da nasalização em outras línguas do tronco Tupi ou Tupi-Guarani, um desses estudos é o de Cardoso (2009), em que a autora analisa a fonologia da língua Kaiwoá e conclui que a nasalidade do nessa língua é proveniente de espalhamento de traço [±nasal] associado aos segmentos vocálicos, isto é, existiria em Kaiowá um

espalhamento oral e um espalhamento nasal que poderia ser proveniente de vogais acentuadas ou não.

Até o momento do relatório parcial de iniciação científica foram realizadas as leituras de Silva (2005, 2010), Rodrigues (1986), Cardoso (2009) e Costa (2003). Como complemento a essa primeira parte da pesquisa foram feitas as leituras de Pigott (1992) sobre abordagem não-linear no que diz respeito ao processo de nasalização nas línguas. Esta pesquisa utilizou-se principalmente dos estudos de Silva (2005) e da abordagem não-linear proposta por Pigott (1992), que mais a frente será desenvolvida e melhor explicitada, bem como sua aplicação nos dados aqui analisados.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 As línguas indígenas e seus estudos

Os índios diferem-se de nós por diversos aspectos culturais, sociais e linguísticos. Falam uma língua diferente da nossa, mas que também não é a mesma entre eles. Isso ocorre devido a um fato que parece óbvio, mas que por muitas vezes é esquecido, e que já fora muito bem observado e devidamente registrado por diversos pesquisadores da área, entre eles Rodrigues (1986) ao falar que

“...os índios do Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si. Cada qual tem costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes peculiares, resultante de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos”. (RODRIGUES, 1986, p. 17)

Por possuírem muitas línguas, em sua maioria já influenciadas por outras e até mesmo pelo contato com os brancos, estão sujeitas a variações e fatores de instabilidade. São línguas, por acima de tudo, cumprirem a finalidade básica de uma, a comunicação. E, porque partilham de características universais que permitem que crianças em ambiente com outros falantes dessas línguas, desenvolvam seu domínio.

Ocorre que essas línguas vivem dentro de determinadas comunidades e quando essas se dividem, as línguas sofrem alterações e, aos poucos, distanciam-se não só geograficamente, mas linguisticamente também. Apesar dessas modificações, as línguas mantêm elementos em comum, o que nos permite verificar relações de parentesco entre elas, de modo a perceber se descendem do mesmo tronco.

No entanto, a presença desses elementos em comum diminui com o tempo, daí a necessidade de se trabalhar com as línguas indígenas. Outro fator que apresenta-se como um empecilho para a documentação/classificação dessas línguas é a redução das línguas indígenas, que tem ocorrido muito rapidamente, tendo em vista desde as ações europeias na colonização, passando pela redução dos povos indígenas e a perda de suas respectivas terras, até chegar ao presente momento, em que muitos índios não querem

mais falar suas línguas para não sofrer nenhuma espécie de preconceito nos polos urbanos, onde cada vez mais têm procurado emprego e moradia.

3.2 A língua Sateré-Mawé e sua classificação

A classificação das línguas em famílias ocorre por critério genético. Sendo assim, uma família

“...é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma origem em comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no decorrer do tempo de uma só língua anterior.” (RODRIGUES, 1986)

As línguas do tronco Tupi são encontradas – diferentemente da família Tupi-Guarani que tem registro em toda América do Sul – dentro apenas do território brasileiro, em sua maioria no rio Amazonas. A língua Sateré-Mawé (também chamada de Sateré ou Mawé) é considerada como pertencente ao tronco Tupi, constituindo uma família de um só membro por ser uma língua isolada. Línguas isoladas são aquelas que não apresentam parentesco genético com outra, constituindo assim uma família por si só.

Esse é outro forte motivo para se estudar a língua Sateré-Mawé, tendo em vista que por ser uma língua isolada se chegar a desaparecer não haverá mais chances de pesquisas na língua, pois as línguas ditas isoladas possuem propriedades únicas, que não podem ser observadas em outras línguas da mesma família por não haver outras línguas em suas famílias.

3.3 O povo Sateré-Mawé e sua língua

O termo ‘Sateré-Mawé’ é resultado da união das palavras ‘Sateré’ que significa ‘lagarta de fogo’ e ‘Mawé’ ‘papagaio falante’. Essa é a denominação que eles mesmos se deram, apesar de mais de três séculos de contato, esse povo mantém seus rituais, organização social, costumes e preservam sua língua.

O povo Sateré-Mawé habita a Terra Indígena Andirá-Marau, que foi demarcada pela FUNAI em 1982 com 788.528 hectares e abrangendo os municípios de Maués/AM, Barreirinha/AM, Parintins/AM e Itaituba/PA (SILVA, 2005, p. 29). A língua dos Sateré-Mawé é falada por aproximadamente 8.000 indígenas distribuídos entre os rios Andirá, Abacaxis e Marau. No Amazonas, esses falantes se dividem em duas áreas: uma ligada ao município de Maués – rio Marau, e outra ligada ao município de Barreirinha – rio Andirá.

Segundo Silva (2005), a classificação da língua Sateré-Mawé ainda não é muito bem definida. Mas, até então, conforme fora falado anteriormente, a língua é considerada uma língua isolada do tronco Tupi, constituindo por si só uma família. Essa é uma das razões pelas quais deve-se estudar essa língua, outra razão é o processo migratório que tem ocorrido dos Sateré-Mawé para os centros urbanos.

O processo migratório dos Sateré-Mawé para os centros urbanos em busca de trabalho e estudo ocorre principalmente em Maués, Parintins e Manaus, e permite a situação de bilinguismo fora da terra indígena – porque dentro dela ocorre também bilinguismo, mas é com a língua geral – isto é, entre o Sateré-Mawé e uma língua não indígena, o português.

Esse fato afeta negativamente a língua, tendo em vista que, assim como ocorre em outras sociedades indígenas, os seus falantes, por vezes, deixam de falar a sua língua, Sateré-Mawé, para não sofrerem nenhuma espécie de preconceito nas cidades. Assim, seus filhos e netos podem vir a não conhecer a língua e ter sua educação em rede pública formal em português.

3.4 Os estudos da língua e a presente pesquisa

A presente pesquisa aconteceu com a língua Mawé e não com qualquer outra das mais de 400 línguas indígenas faladas na América ou com outra língua falada no Brasil, pois além de, como já fora dito, o Sateré-Mawé ser uma língua isolada, há poucos estudos acerca dessa língua.

Os trabalhos na língua resumem-se à listas de palavras e sentenças simples feitas por viajantes e naturalistas, alguns registros de aspectos da gramática e fonologia presentes em alguns artigos do SIL, a proposta de uma

gramática pedagógica (Graham, 1995) e de um dicionário bilíngue (Brandon e Graham, 1983), e dissertações e teses como, respectivamente, a de Suzuki (1997) e de Franceschini (1999), e um número reduzido de cartilhas e histórias do povo Sateré-Mawé.

O trabalho mais completo são os estudos de Silva (2005) no qual a autora fez um estudo geral da situação da língua, focando nos aspectos fonológicos do Sateré-Mawé. Na sua tese de doutorado (2010) a autora deu continuidade aos estudos com a língua, dando conta dessa vez dos aspectos morfossintáticos, abrangendo assim a língua como um todo.

Mas bem sabemos que o trabalho com línguas nunca dá-se por encerrado. Sendo assim, Silva não investigou alguns fenômenos dessa língua, entre eles está a nasalização das oclusivas em posição de coda silábica, o qual será objeto deste trabalho.

Antes de adentrarmos propriamente na pesquisa é necessário esclarecer a concepção de linguagem aqui adotada, a de linguagem como ferramenta humana de comunicação que se realiza em situações de fala reais dentro de contextos socioculturais. Sendo assim, entende-se a língua como produto cultural usado para comunicar-se.

É importante fixar algumas diferenças de conceitos quanto aos estudos fonológicos e fonéticos. Deve-se entender por fonética, a ciência que estuda os sons da fala do ponto de vista fisiológico, observando como esses são produzidos, propagados e recebidos. Já a fonologia deve-se entender como ciência que tem por objeto a forma sistemática como esses sons se organizam em cada língua. Nos estudos fonológicos então, são feitas as descrições do sistema de sons de uma dada língua, da sua estrutura e funcionamento, tentando entender como as frases, palavras, morfemas e sílabas se organizam na língua.

Até Silva (2005), o que se tinha de estudos fonológicos do Sateré-Mawé eram artigos do SIL. Silva, em sua dissertação (2005), fez uma análise de abordagem morfofonêmica baseada nos trabalhos de Kindell (1981) e Pike (1943, 1947). No entanto, a própria autora assinala que essa abordagem não dá conta da ocorrência de alguns fenômenos fonológicos da língua, entre eles o da nasalização das oclusivas em coda. Propõe então, que uma abordagem não-linear de análise suprasegmental possa ser a abordagem mais adequada

para explicar o fenômeno. É pautada nessa abordagem que esta pesquisa se desenvolveu.

3.5 Os modelos de estudos fonológicos e as teorias de nasalização

Os modelos de estudos de fonologia são enquadrados em dois grandes grupos: os lineares e os não-lineares. O primeiro grupo, também é chamado de segmentais e analisam a fala como uma relação de 'um-para-um', seria uma combinação linear entre os segmentos e os traços, admitindo limites morfológicos e sintáticos.

A análise não-linear vê a fala como uma organização de traços que estariam dispostos em 'camadas' através de uma relação hierárquica. Para esse tipo de análise, esses traços poderiam se ligar a mais de uma unidade ou funcionar sozinhos. Esses traços são unidades mínimas não segmentáveis que, para formar os sons das línguas, se combinam de diversas formas.

A fonologia não-linear não é uma só, mas várias, isto é, a partir dos primeiros modelos de estudos não-lineares surgiram teorias nesse campo. Dentre elas as mais propagadas são a Teoria Autossegmental e a Teoria Lexical.

A Fonologia Autossegmental foi desenvolvida por Goldsmith (1976) e deu início aos modelos não-lineares e propondo a perda de relevância dos limites segmentais e apontando para os processos de espalhamento nasal e segmentos nasalizados parcialmente, o que geraria os processos de harmonização vocálica e harmonização nasal. Posteriormente, Piggott (1992) proporia sua teoria sobre os traços nasais, conforme veremos adiante.

3.5.1 Abordagem não-linear de Piggott (1992)

Piggott (1992) propõe que o traço nasal das línguas possui dois padrões de harmonia nasal diferentes. Em algumas línguas, o traço nasal está subordinado ao nó SP (Soft Palate), pois as obstruintes bloqueiam o espalhamento nasal, o nó SP é, portanto, exclusivo de obstruintes, em outras línguas o traço nasal está subordinado ao nó SV (Spontaneous Voicing), pois as obstruintes são transparentes ao espalhamento e as soantes seriam alvos do traço [Nasal], o nó SV é, portanto, exclusivo de soantes. Sendo assim, nas línguas em que o traço nasal está subordinado ao nó SV, a principal oposição do sistema fonológico será entre soantes x obstruintes.

Sendo assim, nas línguas em que o traço nasal está subordinado ao nó SV, a principal oposição do sistema fonológico será entre soantes x obstruintes, e não oral x nasal (oposição característica de línguas que possuem o nó SP). Em línguas como o Guarani, Costa (2007) diz que “[..] a nasalidade é um efeito fonético de uma regra que exige soanticidade de elementos que possuem obstrução na cavidade oral”.

O tratamento autossegmental, elaborado por Piggott (1992), dá-se por meio de *princípios* que governam a condição de espalhamento nasal e por *parâmetros* que apontam para os mecanismos de propagação deste espalhamento.

3.6 O caso das oclusivas nasalizadas do Sateré-Mawé por Silva (2005)

Como fora dito, Silva (2005, 2010) fez o estudo mais detalhado que se tem sobre a língua Sateré-Mawé, descrevendo seus aspectos fonológicos (2005) e, posteriormente, seus a morfossintaxe da língua (2010). É em seu trabalho de dissertação que encontramos a base para esta pesquisa, tendo em vista que a nasalização das oclusivas é considerado um processo morfofonêmico, o qual é apresentado nesse trabalho da autora.

Em sua dissertação, Silva (2005) apresenta que a língua Sateré-Mawé possui um inventário fonético composto por 27 fones consonantais e 18 fones vocálicos. A seguir, podemos ver o quadro presente na dissertação da autora que ilustra a distribuição dos fones consonantais de acordo com seus pontos e seu modo de articulação:

		bilabial	dental	alveolar	palatal	velar	glotal
oclusivas		p		t		k	ʔ
oclusivas não-explodidas	surdas	pʰ		tʰ		kʰ	
	sonoras	bʰ		dʰ			
oclusivas pré-nasalizadas		mb	nd			ŋg	
nasais		m		n	ɲ	ŋ	
nasais ensurdecidas		m̃		ñ		ŋ̃	
tepe				r			
lateral				l			
fricativas		β	θ	s			h
aproximantes		w			j		

Figura 1 – Fonemas consonantais da língua Mawé

FONTE: SILVA, 2005

Não são registradas as ocorrências de [b], [d], [g] no quadro acima, pois esses seguimentos são considerados pela autora, bem como nessa pesquisa, como alofone dos seguimentos oclusivos surdos [p], [t], [k].

Silva (2005) considera que a nasalização dessas oclusivas ocorre na posição de coda silábica, isto é, em final de sílaba ou em fronteira de palavra devido ao processo morfofonêmico de enfraquecimento consonantal, no qual as oclusivas se transformariam em [m], [n] e [ŋ].

A autora apresenta separadamente o caso das oclusivas [p] e [t], do caso da oclusiva [k], tendo em vista que, nos seguimentos que a autora analisou, esta assimilaria a sonoridade da nasal que a antecede, enquanto aquelas apenas se transformariam em nasais diante apenas da ocorrência de [h]. Silva (2005) explicita a ocorrência da nasalização em [p] e [t] da seguinte forma:

/p,t/ → /m,n/ | __ # h

Enquanto a nasalização em [k] é representada assim:

/k/ → /g/ | [Cnasal] # __

Um dos exemplos que a autora utiliza é a expressão “cabelo muito preto” – fonologicamente em Mawé /i-a-sap hun kahato/ – onde ocorre o enfraquecimento de [p], que torna-se [m] diante da palavra “preto” em Mawé – hunt, por essa iniciar-se com [h].

3.7 A nasalização das oclusivas do Mawé em posição de coda silábica

As oclusivas nasalizadas da língua Mawé são três: [p], [t] e [k], que possuem seus respectivos alofones sonoros: [b], [d] e [g].

(1) nome dele – iwat het – [iwan hɛt]

(2) cabelo preto dele – i-wasap hun – [ʔiasã̃m hũ̃n]

Essa nasalização, conforme observado nos dados que abaixo serão explicitados, se dá em posição de coda ou fronteira de palavra e diante da presença de [h] no início da palavra seguinte.

Os espectrogramas a seguir, do programa de análise acústica PRAAT versão 5.3.56, mostram a realização dos segmentos oclusivos nasalizados:

Nasalização da oclusiva [t]:

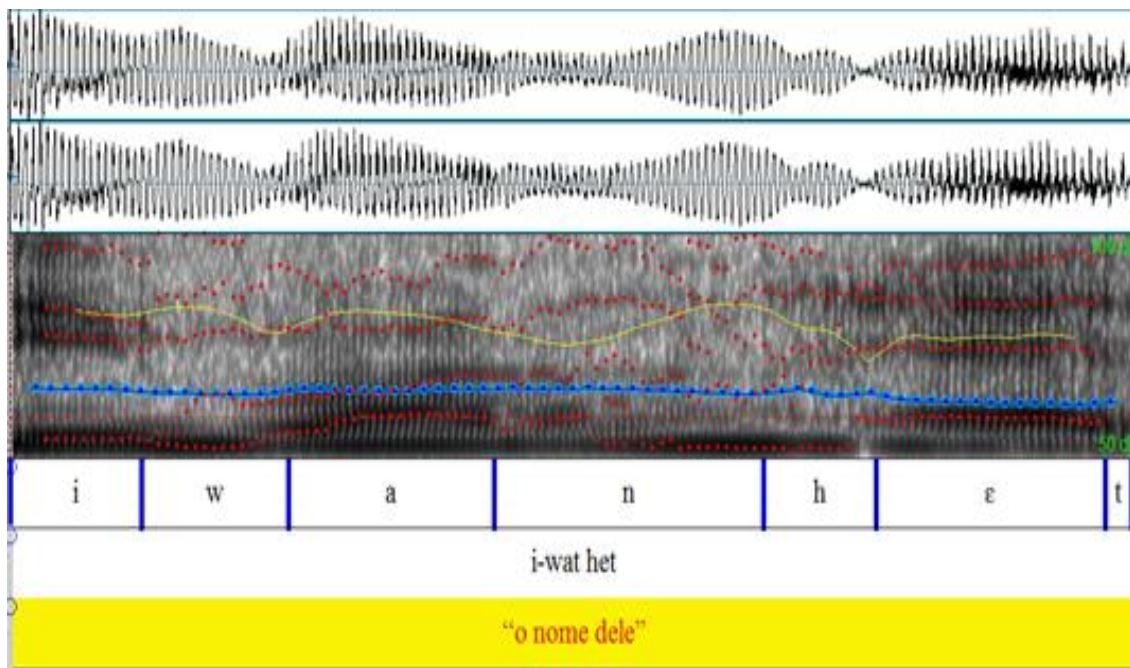


Figura 2 – realização da nasalização da oclusiva [t] com transcrição fonética, palavra fonológica e tradução em português.

FONTE: PRAAT, 5.3.56

Esse dado – “o nome dele” é, de todos os dados analisados, o que explicita melhor e mais claramente a nasalização da oclusiva [t], que diante do seguimento fricativo glotal [h] passa a realizar-se como [n], formando assim [iwanhɛt]. O mesmo processo ocorre em “o olho dele”, no entanto não é tão claro, mas com o auxílio da análise acústica pode-se observar essa realização através do espectrograma a seguir:

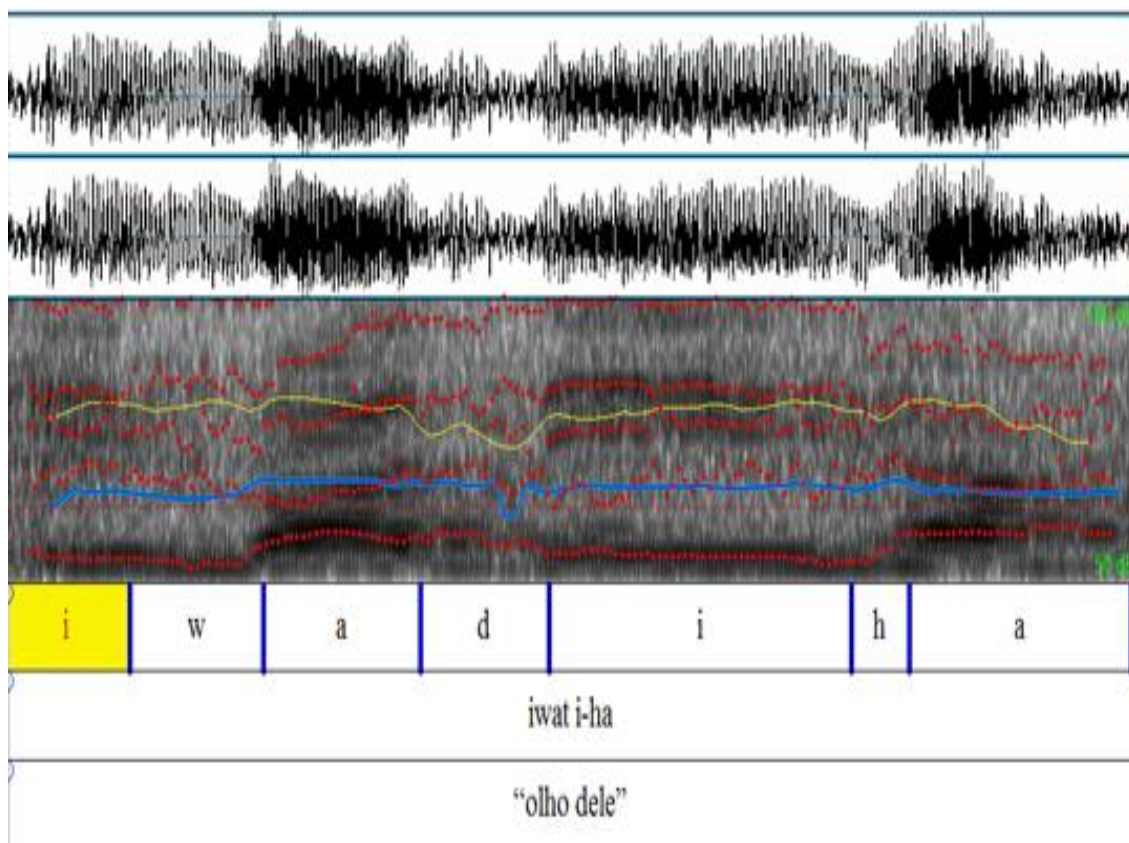


Figura 2 – realização do alogfone sonoro de [t], [d] com transcrição fonética, palavra fonológica e tradução em português.

FONTE: PRAAT, 5.3.56

Em “olho dele” a realização da nasalização da oclusiva é menos perceptível e identificável. Com a análise acústica percebe-se a realização do alogfone sonoro de [t], [d]. Optou-se por não considerar esse processo de transformação de [t] em [d] como realização de pré-nasalizada, tendo em vista que as pré-nasalizadas só ocorrem em determinados ambientes.

As pré-nasalizadas só ocorrem, por exemplo, após vogais nasais e esse não é o caso em “iwat i-ha”, onde ocorre apenas a realização do alogfone sonoro de [t], e não a nasalização dele, conforme o espectrograma.

Temos que levar em consideração que a língua Sateré-Mawé é uma língua em que o traço nasal está subordinado ao nó SV e que nas línguas desse tipo as obstruintes são transparentes ao espalhamento e as soantes seriam alvos do traço [Nasal].

No caso da nasalização das oclusivas em Sateré-Mawé, podemos inferir que a nasalidade se faria presente para fazer soar um elemento surdo, no caso [p], [t], [k]. Ao contrário do que acontecem com as pré-nasalizadas dessa

língua, esses seguimentos oclusivos não assimilam o traço [Nasal] e ao mesmo tempo tornam-se sonoros formando [mb], [nd] e [ŋg].

O que ocorre com os seguimentos oclusivos nasalizados do Sateré-Mawé em coda silábica é apenas a transformação das oclusivas surdas em nasais (sonoras). Podemos entender então, que a nasalização desses elementos se daria não por espalhamento do traço [Nasal] vindo de uma vogal nasal, pois nos dados analisados não foi encontrado nenhum caso assim.

A nasalização das oclusivas da-se uma tendência, por assim dizer, das oclusivas – obstruintes – do Mawé em transformar-se em nasais – soantes, somente diante da fricativa glotal [h] – soante também.

Pode-se inferir portanto, dentro de um *corpus* limitado com que se realizou esta pesquisa, que a nasalização das oclusivas em coda silábica e/ou em fronteira de palavras se dá somente diante de [h], seguimento soante.

Descarta-se a possibilidade de que esse fenômeno ocorre somente diante desse seguimento devido à proximidade articulatória das nasais [m], [n], [ŋ] com a fricativa glotal [h], pois essa proximidade não é real. Opata-se portanto, considerar esse ponto como ‘em aberto’ para que, posteriormente, com um *corpus* maior e outras teorias possamos dar continuidade ao estudo dessa questão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As línguas indígenas têm se tornado um importante foco de estudos nos últimos anos devido a fatores sociais, políticos e linguísticos. O estudo das línguas indígenas nos proporciona o melhor entendimento de aspectos linguísticos que ocorrem nas línguas de determinados troncos e/ou famílias, além de contribuir para as discussões acerca da ortografia dessas línguas.

No que se refere aos estudos do processo de nasalização nas línguas indígenas, o número torna-se consideravelmente reduzido tendo em vista que este é um assunto delicado até mesmo nas línguas não-indígenas que há muito vêm sendo pesquisadas.

Na língua Sateré-Mawé, a nasalização apresenta-se sob diferentes formas, ocorrendo assim as pré-nasalizadas e a nasalização das oclusivas, processo esse que foi foco desta pesquisa.

Observando as oclusivas na posição de coda silábica e em fronteira de palavra, pode-se concluir – dentro de um *corpus* limitado – que esse processo de nasalização das oclusivas ocorre nessa posição diante de palavras que iniciam-se com [h], e que essa ocorrência é resultado de um processo morfofonêmico da língua Sateré-Mawé.

Isso ocorre devido ao ambiente articulatorio em que esse som é introduzido, onde o trato vocal prepara-se para fazer o som que lhe é mais próximo, sendo assim ao invés de produzir uma oclusiva surda após uma vogal e diante da fricativa glotal, produz uma nasal ou uma oclusiva sonora – alofone sonoro – considerando a maior proximidade articulatória.

Aplicando aspectos da teoria de Pigott (1992) na língua Sateré-Mawé observou-se a presença da oposição de obstruentes e soantes que tornou-se pertinente para as inferências feitas ao longo da análise dos dados.

Este estudo da realização dessa nasalização das oclusivas em determinada posição na língua Mawé proporciona aos estudiosos da língua e ao próprio povo indígena uma reflexão acerca da língua e da respectiva ortografia. É preciso que os professores indígenas, juntamente com a sua comunidade, decidam o que é relevante ou não para o registro dentro do sistema ortográfico da língua, pois somente eles é quem o podem decidir.

Esta pesquisa deixa em aberto ainda, como toda pesquisa com língua, a questão da obrigatoriedade desse fenômeno acontecer diante de [h]. Essa questão foi observada durante a análise dos dados, mas não foi solucionada devido à limitação do *corpus* da pesquisa e do curto período em que esta se realizou.

5. REFERÊNCIAS

BRANDON, F. R. & A. & S. G. **Dicionário bilingue Sateré-português, português-Sateré**. Versão preliminar 2. Unpublished [A previous version dated 1982 was recently included by the Summer Institute of Linguistic, Brazil branch, in its xeroxed (series Arquivos Linguísticos) under no. 224. Brasília: SIL, 1983.].

CARDOSO, V.F. **Sistematização da Fonologia Kaiowá: nasalização e/ou nasalização**. Revista Síntese, São Paulo: Editora da Unicamp, 2009 p. 31 a 72

COMRIE, B & SMITH, N. **Lingua descriptive series: questionnaire**. *Lingua* 42, 1977, p. 42-72.

COSTA, C.P.G.. **Nhandeva aywu**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2003

DIETRICH, W. **More evidence for an Internal Classification of Tupi-Guarani Language**. (=Indiana, Supplement 12) Berlin: Gebr. Mann, 1990

FARGETTI, C.M. **Estudo fonológico e morfossintático da língua Juruna**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001

GRAHAM, A. & S. **Assinalamento fonológico das unidades gramaticais em Sateré**. Tradução Mabel Meader. (Arquivos de Anatomia e Antropologia, Vol. III – ano III). Rio de Janeiro, 1978. p. 219-231.

GRAHAM, S. **Sateré-Mawé Pedagogical Grammar**. Summer Institute of Linguistics, 1995.

KATAMBA, F. **An Introduction to Phonology**. England: Pearson Education, Edinburgh, 1989

KENSTOWICZ. M. **Phonology in Generative Grammar**. London. Blackwell, Oxford, 1994.

KAUFMAN & BERLIN. **South American Indian Language Documentation Project Questionary**. University of Pittsburgh & University of Califórnia at Berkeley. Ms. 1987.

PIGGOTT, G.L. **Viability in feature dependency: the case of nasality**. *Natural Language and Linguistic Theory*. V.10 p. 33-77, 1992.

PIGGOTT, G.L. **Implications of consoants nasalizations for a Theory of Harmony**. *Canadian Journal of Linguistics*. v.2, p. 141-174, 1996

PIKE, K. **Phonetics**. Michigan, University of Michigan Press. 1943.

_____. **Phonemics: a Technique for Reducing Language to Writing**. Ann Arbor, University of Michigan Press. 1947.

SILVA, R.G.P. **Estudo fonológico da língua Sateré-Mawé**. Dissertação (Mestre) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola. 1986.

_____. **Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil**". São Paulo: **Ciência e Cultura** vol.57 número 2. São Paulo, 2005.

RODRIGUES, A. D. & DIETRICH, W. On the linguistic relationship between mawé and tupi-guarani, **Diachronica**, **XIV: 2.**, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam. 1997. p. 265-304

RODRIGUES, A. D. **Die Klassifikation des Tupi-Sprachstammes. Proceedings of the Thirty-second International Congress of Americanists**, Copenhagen 8-14 August 1956,. Copenhagen: Munsgaard. (tradução: Classificação do tronco linguístico tupi. 12:99-104.1964). 1958a. p. 679-684.

_____. Classification of Tupi-Guarani. **International Journal of American Linguistic**, Vol 24, Indiana University, Los Angeles, California. 1958b. p. 231-234

_____. Relações internas na família linguística Tupi-Guarani, São Paulo. **Revista Antropológica** vol. 27/28, Universidade São Paulo, São Paulo. 1984/85. p. 33-53

TEIXEIRA, P. **Sateré-Mawé: Retrato de um povo indígena**. Diagnóstico sócio-participativo: UFAM, Manaus, 2005.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Núbia Silva, minha inspiração e motivação maior para tudo que tenho feito e, acima de tudo, por me amar incondicionalmente.

Aos meus avós, Maria Cecília e Leonay Alves, que juntamente com a minha mãe constituem o que eu tenho de mais valioso nesse mundo.

Ao meu namorado, mas acima de tudo amigo, companheiro, parceiro, confidente, esteio e, por muitas vezes, meu calmante natural, Lucas Almeida.

À Professora Raynice Silva, pela orientação e conselhos durante todo o período da pesquisa.

Aos meus sobrinhos Bia, Victor, e, especialmente, Isabelly, simplesmente por existirem e me ensinarem o significado do amor maior de quase mãe.

À Raissa Floriano, minha amiga de todas as horas, por me compreender, aconselhar e me apoiar sempre que estou certa.

Aos meus amigos do coração: Bruna Fernanda, Ana Caroline, Carolina de Abreu, Carolina Pinagé e Pedro Thiago, pelas conversas intelectuais e engraçadas.

À Yonara, pela orientação e ajuda com os momentos de análise acústica.

À Amanda Canavarro, ou Mandinha como eu prefiro, minha tradutora oficial.

À minha irmã, que mesmo do jeito dela sei que me ama e sempre que pode me protegeu.

Ao meu primo, Filipe Alves, por me apoiar e cuidar de mim no momento em que mais precisei.

Aos meus tios, Sinésio e Celine, simplesmente por serem quem são.